

Terra de Ninguém. A Guerra Civil de Espanha **visitada e revisitada por escritores portugueses** **The Spanish Civil War visited and revisited by portuguese writers**

ANTÓNIO APOLINÁRIO LOURENÇO*

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Civil, Literatura Portuguesa, Miguel Torga, Manuel de Seabra.

KEYWORDS: Civil War, Portuguese Literature, Miguel Torga, Manuel de Seabra.

1. Os poetas portugueses e a Guerra Civil de Espanha

Um acontecimento político e militar como a Guerra Civil Espanhola teve, como não poderia deixar de ser, importantes repercussões na sociedade portuguesa, que, no entanto, não pôde acompanhar de forma imparcial através da comunicação social o desenrolar dos acontecimentos. Em 1936, ano do início da guerra, a popularidade de Salazar atingia o auge e um forte aparelho censório controlava a imprensa e toda a atividade editorial. A Emissora Nacional, cujas emissões experimentais tiveram início em abril de 1934, funcionava como órgão de propaganda radiofónico do governo ditatorial, apoiando politicamente os militares rebeldes antirrepublicanos.

Na antologia organizada por Joaquim Namorado e intitulada *A Guerra Civil de Espanha na Poesia Portuguesa* (1987), os escassos poemas efetivamente redigidos e publicados durante o conflito ou nos anos mais próximos atestam a dificuldade em escrever com liberdade sobre a tragédia que se abatia sobre o povo espanhol, que se juntava à impotência de nada poder fazer para alterar o curso dos acontecimentos. Veja-se o caso de uma das *Heroicas* de José Gomes Ferreira, composta durante o conflito, e que viria a integrar o seu livro *Poesia I*, publicado, em 1948, na coleção coimbrã «Sob o Signo do Galo»:

* Universidade de Coimbra. Membro do Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da mesma Universidade.

A alma arde-me o corpo. Posso lá dormir! Levanto-me.
 Outro cigarro. Abro a janela. Pasma...
 Oh! que luar suspenso! Oh! que mulher sem corpo! Oh! tanta alma inútil!
 E eu para aqui sozinho com um fantasma a bradar-me nos olhos:
 Irmãos! Irmãos que combateis contra todos os Destinos Mutilados
 nas árvores, nas ruas, nas esquinas,
 nas teias de aranha, nos esgotos,
 nas covas, nas trincheiras, no outro mundo,
 nos patíbulos, na lua, nas estrelas!
 Irmãos! eis o que eu posso dar à vossa luta:
 um cinzeiro com dez pontas de cigarros
 e uma noite de insónia insubmissa...

(In Namorado, 1987, p. 108).

Em 1948, já se concluíra também o ciclo da Segunda Guerra Mundial com a derrota do nazi-fascismo europeu, mas continuava a ser impossível publicar em Portugal críticas tão diretas ao regime franquista como aquelas que se registam no Brasil, em poemas dados à estampa nesse mesmo ano, da autoria de Carlos Drummond de Andrade («Notícias de Espanha», em *Poesia até Agora*) ou de Manuel Bandeira («No vosso e em meu coração», em *Belo Belo*), ainda mais contundente que o seu colega mineiro:

Espanha no coração:
 No coração de Neruda,
 No vosso e em meu coração.
 Espanha da liberdade,
 Não a Espanha da opressão.
 Espanha republicana:
 A Espanha de Franco, não!

(Bandeira, 1986, p. 173).

A antologia de Joaquim Namorado é, evidentemente, uma recolha muito distanciada dos acontecimentos que a inspiraram. Inclui poesias de 19 autores, e alguns dos poemas que comportam referências políticas perfeitamente identificáveis, como acontece com os de Reinaldo Ferreira («A que morreu às portas de Madrid») e Carlos de Oliveira («Descrição da Guerra em Guernica»), foram publicados muitos anos depois do final da guerra. Percebe-se, quer pelos

poemas que são dedicados a Federico García Lorca, quer pelos vários «romances» que integram a antologia, que o poeta granadino – junto com Euskadi (ou simplesmente Guernica) o protagonista principal da antologia – era sobretudo conhecido como autor do *Cancionero Gitano*. As aspas que coloquei na palavra *romance* significam que, salvo o «Romance de Granada» de David Mourão-Ferreira, aqueles poemas, de métrica e rima variáveis, não são tecnicamente romances.

De todos os poetas antologados por Joaquim Namorado há um que merece, sem sombra de dúvida, um especial destaque. Trata-se de Miguel Torga, que, para além de comungar das apreensões de todos os democratas portugueses, viajou pela Espanha nacionalista enquanto decorria a Guerra Civil e esteve relativamente próximo da frente de combate. Joaquim Namorado incluiu três poemas de Torga na sua antologia: «Unamuno», «Federico Garcia Lorca», e «Não passarão». Os dois primeiros tinham integrado a coletânea intitulada *Alguns Poemas Ibéricos* (1952), enquanto o segundo, com uma mensagem política muito mais óbvia, engrossara a edição dos *Poemas Ibéricos* de 1965.¹

2. *A Criação do Mundo*

A coragem manifestada por Miguel Torga ao partilhar as reflexões sobre os protagonistas do conflito, sobretudo no III volume de *A Criação do Mundo – o Quarto Dia*, valeu-lhe não apenas a apreensão do livro pela censura salazarista, mas também a prisão. Como se sabe, *A Criação do Mundo* é uma autobiografia romanceada de feição peculiar. O narrador não se identifica formalmente com o autor, mas os acontecimentos narrados têm um evidente paralelismo com os factos reais da vida de Miguel Torga, ou, mais rigorosamente, de Adolfo Correia da Rocha, o verdadeiro nome do escritor. Tal como o autor

¹ No livro intitulado *Alguns Poemas Ibéricos*, apenas o poema «Pesadelo de D. Quixote» continha alusões óbvias à Guerra Civil de Espanha: «A nossa Dama, Sancho! A nossa Dama! / Pois quem é que me chama e que te chama? / Castela, dizes tu?! Dizes Castela?! / Acorda, Sancho! A Dulcinea é ela!... // Pois de quem hão de ser estes gemidos?! / Pois de quem hão de ser?!... / Só dela, Sancho, que nos meus ouvidos / Anda o meu coração a padecer...». Em 1965, da adição de onze novos poemas a essa primeira recolha resultou o volume intitulado *Poemas Ibéricos*. Uma subtil alteração operada num dos versos de «Pesadelo de D. Quixote» entendia a toda a Península Ibérica a denúncia do sofrimento provocado pelas ditaduras: «Sancho: ouço uma voz etérea / Que nos chama... / Ibéria, dizes tu?!... Disseste Ibéria?! / Acorda, Sancho, é ela a nossa dama!». Os poemas são, por outro lado, agrupados em secções, na última das quais, «Pesadelo», se associarão a «Pesadelo de D. Quixote» duas novas poesias: «Não passarão» e «Exortação a Sancho».

empírico, o narrador-protagonista é um jovem médico de origem rural, com aspirações a escritor, cujos estudos são suportados por um tio emigrado no Brasil e que procura – no final dos anos 30 do século XX – uma estabilidade profissional que lhe permita, simultaneamente, usufruir de independência económica e dispor de tempo para construir uma obra literária socialmente reconhecida. O destino final da viagem de Adolfo Rocha que motivou as passagens dedicadas à Guerra Civil espanhola era a Itália, passando também pela França, pela Suíça e pela Bélgica, mas para aí chegar era necessário atravessar todo o Norte de Espanha, já completamente controlado pelas forças franquistas. Em artigo recentemente publicado na revista *Veredas*, de Santiago de Compostela, Maria Manuela Delille identifica os participantes e os objetivos reais da viagem, que terá decorrido em Dezembro de 1937 e Janeiro de 1938.

À publicação do livro, em abril de 1939, seguir-se-ia a sua apreensão, em 30 de novembro de 1939, a consequente detenção do poeta pela PSP em Leiria, a passagem pela sede da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) e a prisão no Aljube até 2 de fevereiro de 1940 (cf. Delille, 2016, p. 62). Os preparativos da viagem e o seu troço português (de Coimbra à fronteira de Vilar Formoso) já surgiam, no entanto, no segundo volume da obra (*O 3.º Dia da Criação do Mundo*) e, com referências tão explícitas que aí eram feitas ao marxismo (cf. Torga, 1938, 86) e ao bolchevismo (cf. Torga, 1938, p. 70),² conjugadas com a denúncia de que a obtenção de um lugar de médico municipal dependia de uma «assinatura de adesão» (à União Nacional, depreende-se) (cf. Torga, 1938, pp. 104-105), pode mesmo estranhar-se que detenção do escritor não tenha ocorrido mais cedo.

Manuela Delille chama a atenção para as profundas alterações introduzidas no texto na edição de 1971, materializadas desde logo no aumento do número de páginas, particularmente visíveis nas referências à passagem por Espanha, que passam das nove páginas de 1939 para as vinte e seis da segunda edição (Delille, 2016, p. 62):

Esse alargamento implica uma estruturação mais elaborada: não só a inserção, a nível da diegese, de novas etapas e novas figuras (também a supressão de algumas),

² Quando, concluído o curso de Medicina e tendo perdido qualquer fé religiosa, o narrador regressa à sua terra natal, Agarez, onde chega a exercer uma incipiente atividade clínica, o povo considera-o um bolchevista e até o seu pai começa a defender um «socialismo especial»: «De comer para todos, em princípio. Depois... Lá isso a Barrosa tinha-lhe custado o suor do rosto. A Barrosa e a Cortinha da Fonte! Que o esgaravatassem. Mas pão para todos» (Torga, 1938, 70).

mas, por sua vez, a nível do discurso, o aditamento de vários trechos em diálogo, ou de novos passos em que o narrador/protagonista, ora em monólogo interior, ora em comentários de carácter digressivo, se autointerroga e/ou reflete sobre os eventos/lugares presenciados ou rememorados e sobre o próprio ato da escrita. (Delille, 2016, p. 62-63)

É claro que a passagem dos anos (são mais de vinte os que medeiam entre as duas edições) – afetando tanto a História da Europa como a história pessoal do autor – não é alheia às modificações introduzidas:

Se na edição de 1939, perante a propaganda franquista e a destruição física e moral presenciada em Espanha, alternam na voz do sujeito autobiográfico a indignação com a raiva e o desespero (notem-se as constantes exclamações, interpelações, perguntas retóricas, repetições, reticências, uso abundante de adjetivos e advérbios), no texto da segunda não só se atenua – na procura de um estilo mais sóbrio e objetivo – o discurso veemente, enfático, por vezes até algo patético ou melodramático, da versão anterior, mas também se instaura, pelas repetidas inserções de passos reflexivos ou comentadores, um tom mais sereno e distanciado. (Delille, 2016, p. 63).

Mas não é só o distanciamento temporal que explica a maior sobriedade e refinamento estético da versão refundida. Biograficamente, o protagonista não é também precisamente o mesmo «revolucionário» ingénuo da primeira edição. Nas edições de 1971 e posteriores, é acrescentada à experiência literária do narrador a colaboração numa revista literária, *Vanguardia* (transposição ficcional da *Presença*), de que a personagem se afastaria por motivos ideológicos (não aceita o excessivo esteticismo da publicação), e a direção de uma outra revista, de curta duração, *Trajecto*, reproduzindo ficcionalmente a experiência editorial de Torga como diretor do *Manifesto* (codirigido por Albano Nogueira).

Logo na travessia da fronteira, o narrador e os seus companheiros de viagem depararam com um cartaz de propaganda política nas paredes da alfândega, onde se registava, em letras garrafais:

FRANCO!
Mar Nacional
de todos los ríos espirituales
de España!

(Torga, 2016, p. 253).³

³ Respeito a pontuação da obra, que não corresponde à norma espanhola.

Com ideias muito claras sobre os malefícios do fascismo e do nazismo, antes mesmo do início das suas ações mais tenebrosas, o poeta recusa-se a corresponder à saudação fascista com que o brindam os funcionários aduaneiros: «Não. Ao menos eu seria um protesto. A mãe Ibéria cortar-me-ia o braço se, em resposta à provocação arrogante dos funcionários, o erguesse também para saudar um tirano.» (Torga, 2016, p. 253).

Como refere Manuela Delille, embora a passagem por Espanha seja relatada, na edição de 1939, num ritmo narrativo bastante acelerado, a crítica da rebelião militar reacionária nacionalista não era menos contundente e inequívoca:

E foi para ler isto que eu vim! Foi para ler isto que estive dois dias na fronteira à espera! [...] Para isto e talvez para muito mais... Menos para levantar o braço em saudação romana a este gordo D. Ramón. Não! Os companheiros que saúdem e, depois, na solidão impressionante de Castela, se desdigam. Que levantem timidamente o braço e digam a seguir, baixinho, uma das sonoras asneiras nacionais. Por mim não tenho forças para tanto. [...] As mãos ficam-me no bolso, regeladas. Clamem os companheiros contra a minha obstinação. Para mim não se trata de salvar a viagem, não se trata de não arranjar complicações. Trata-se de não saudar este mar negro dos rios negros de Espanha. (Torga, 1939, p. 9-10).

Como já referi, embora a viagem em território espanhol seja relatada integralmente no 4.º dia, a parte da viagem que decorre em território nacional, era descrita no volume anterior. Na versão definitiva, os viajantes detêm-se em Vilar Formoso para uma última refeição, e, perante o aviso da empregada espanhola que os serve num café local – «Hoy no pasarán. Han cerrado la frontera» (Torga, 2016, p. 249) –, o narrador não resiste a dar expressão à sua simpatia pela facção republicana, «*No pasarán!*... Na boca da Pepita, uma trivial indicação de trânsito; na boca de milhares de combatentes, o grito simbólico duma causa» (Torga, 2016, p. 249). Intriga-o também a dificuldade em entender, fora do espaço formal da fronteira, por onde passa a delimitação precisa entre os dois estados peninsulares, pelo que se atreve a perguntar, a um contrabandista que se sentou a seu lado, qual a *nacionalidade* de um *pinheirito* que se divisava a alguma distância. A resposta do interlocutor, também ele de nacionalidade indefinida, introduz-nos de forma muito concreta no tema deste artigo: «Pues, hombre, a nenhuma. Lá és Terra de Ninguém» (Torga, 2016, p. 249). Na versão de 1938 do *Terceiro Dia da Criação do Mundo*, a expressão exortativa «no pasarán» – popularizada pela dirigente comunista Dolores Ibárruri (*La Pasionaria*) –, que o narrador repete e destaca, colocando-a em

itálico, é pronunciada pela empregada de uma pensão de Vilar Formoso em que os viajantes pernoitam antes de desafiarem o desconhecido. A censura não deverá ter reparado no nome desta criada espanhola: Dolores. Nessa edição, que não contemplava a presença do contrabandista, o narrador atribui a autoria da expressão «Terra de Ninguém», para definir a entidade proprietária do terreno onde crescia um pinheirito bravo, a um guarda fronteiriço (cf. Torga, 1938, p. 141).

É claro que a passagem por Espanha, sempre a razoável distância da frente de combate, decorre no menor tempo possível, apenas com as paragens necessárias para o descanso dos viajantes e conversas limitadas a pedidos de orientação rodoviária. A presença ostensiva da *guardia civil* e dos militares – «soldados sujos e tenebrosos, de arma na mão, vigilantes» (Torga, 1939, p. 13), em cada cidade atravessada, lembra aos viajantes a violenta contenda que se trava mais a sul. Assim sendo, a denúncia das atrocidades praticadas pelos militares nacionalistas é sobretudo transmitida nos comentários, reflexões e atitudes do narrador, que, na edição refundida, chegam a perturbar a relação do protagonista com os restantes companheiros de viagem. O aumento do número de páginas e até o abrandamento da censura depois da morte de Salazar permitem desenvolver alguns episódios da viagem e explicitar de forma mais contundente a brutalidade da contenda:

Como poderia eu conceber antecipadamente, apesar dos jornais e da rádio, o mundo apocalíptico que, do alto da torre de menagem, Hernando, o moço das malas [da pousada de Ciudad Rodrigo], me descrevia? Com voz apagada – de medo ou de pudor? –, parecia a própria Espanha a despejar a alma no ralo dum confessionário – o rol dos pecados transformado num rosário de horrores. Combates ferozes, fuzilamentos em massa, violações, incêndios, massacres – um pesadelo de ódios e vinganças. Até que o espectro do irmão, caído na frente de Madrid, a enfrentar os esquadrões italianos, lhe selou a boca. (Torga, 2016, p. 259).

Não foram, porém, exclusivamente as páginas dedicadas à travessia da Espanha as únicas que provocaram a drástica atuação policial. O tom discursivo recriminatório dos regimes totalitários, por vezes mais explícito do que a prudência aconselharia, mantém-se na passagem do narrador e dos seus companheiros de viagem pela Itália fascista e pela democrática França. Em Paris, o narrador, que tem nome na primeira edição (Mário de Araújo), reencontra um companheiro de Coimbra, que o leva até à redação de um jornal produzido

por um pequeno grupo de exilados políticos portugueses, *Combate*, não resistindo a transcrever destacadamente, em *bold* e letra de tamanho maior, as «velhas máximas» revolucionárias que ornamentam as paredes da redação:

Proletários de todo o mundo, uni-vos
O proletariado luta pela emancipação de toda a humanidade
Os proletários não têm mais que perder do que as suas cadeias
e têm um mundo a ganhar

(Torga, 1939, p. 45).⁴

3. *Terra de Ninguém*

A Guerra Civil espanhola está também presente em vários romances portugueses, como é o caso, para referir apenas alguns dos principais exemplos, de *Sinais de Fogo*, de Jorge de Sena, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, ou *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, de Fernando Assis Pacheco. Centrar-me-ei, no entanto, em dois notáveis romances de Manuel de Seabra, um dos mais injustiçados escritores portugueses do século XX, pagando talvez tributo à sua longa ausência física do seu país natal. Ernesto Manuel de Seabra Ferreira Bértolo, de seu nome completo, nasceu em Lisboa em 7 de julho de 1932 e faleceu em Barcelona – cidade em se fixara, primeiro intermitentemente e depois de modo definitivo –, no dia 22 de maio de 2017. Jornalista, tradutor, dicionarista, para além de poeta e ficcionista, é bem possível que a sua devoção à obra alheia tenha prejudicado, pelo menos quantitativamente, a sua dedicação à produção original. Serviu-se indistintamente do português e do catalão como línguas de trabalho, mas dominava igualmente o esperanto, e traduziu, quer para português quer para catalão (sem esquecer as suas traduções para esperanto), obras escritas em idiomas tão díspares como o inglês, o francês, o castelhano,

⁴ Cito pela primeira edição, porque é aquela que está na origem da detenção e reclusão do escritor. Na edição mais recente, a visita à redação, com a reprodução dos mesmos *slogans*, é descrita nas páginas 310 e 311 (Torga, 2016). Significativamente, na 1.^a edição do livro, o narrador-protagonista é apresentado aos colaboradores da revista que se encontram na redação, nomeadamente a «camarada Elisa» e o «camarada Carlos Gouveia», como «o camarada Mário de Araújo, médico» (cf. Torga, 1939, p. 44), enquanto na edição refundida, face aos mesmos «camaradas», é apenas «o nosso doutor, que é também poeta» (Torga, 2016, p. 311).

o russo ou o chinês, contemplando autores como Mao Tse-Tung, Vladimir Maiakovski, Mikhail Bulgakov, Charles Bukowski, Frank Herbert ou Jack Kerouack, entre muitos outros. Como colorário da sua ação, autores catalães como Fèlix Cucurull, Pere Calders ou Salvador Espriu chegaram a adquirir alguma notoriedade em Portugal em meados do século XX, não obstante as perseguições a que o idioma em que escreviam estava sujeito na Espanha franquista.

Uma das obras portuguesas que traduziu para catalão foi *A Criação do Mundo*, de Miguel Torga.⁵ Da impressionante lista de traduções do autor, destacam-se igualmente os volumes antológicos de poesia e de contos catalães,⁶ publicados em Portugal, e de poesia e contos portugueses editados em catalão,⁷ a que se juntam as antologias dedicadas à literatura russa, norte-americana, britânica, chinesa, cubana, brasileira ou provençal.

Para além das obras puramente literárias, merecem destaque algumas publicações que realizou em colaboração com a sua mulher Vimala Devi, como o ensaio histórico-literário *A Literatura Indo-Portuguesa* (1971), ou os dicionários de *Portuguès-Català* e *Català-Portuguès*, publicados pela Enciclopèdia Catalana, respetivamente em 1985 e 1989.

Os seus trabalhos literários, de divulgação cultural e de tradução valeram-lhe, entre outras distinções, o Prémio de Tradução Calouste Gulbenkian e o Prémio Máximo Gorki, atribuído pela União de Escritores da URSS. Em 2001, o governo catalão distinguiu-o com a mais importante condecoração do território: a Creu de Sant Jordi.⁸

O romance *Terra de Ninguém* foi publicado em 1959 e reeditado em 1972. É uma obra de uma grande modernidade, reveladora de um apurado conhecimento das mais recentes experiências estéticas europeias, coisa pouco comum entre os cultores da narrativa portuguesa dessa época. O essencial da história centra-se num vale, próximo de Valência, onde um grupo de soldados republicanos ali acantonados esperam e desesperam para serem enviados para a frente de combate.

⁵ *La Creació del Món*. Barcelona: Proa, 1989 (com Vimala Devi).

⁶ *Os Melhores Contos Catalães* (1954, em colaboração com Antoni Ribera) e *Antologia da Novíssima Poesia Catalã* (1974).

⁷ *Antologia de Contes Portuguesos* (1959) e *Poetes Portuguesos d'Ara* (1961), ambos em colaboração com Fèlix Cucurull.

⁸ A lista das suas obras originais e traduções, atualizada a 1996, pode ser encontrada no número de homenagem que lhe foi dedicado pelos *Cuadernos de Cultura e Estudio* (n.º 8, fevereiro de 1998).

O narrador é o alferes Manolo Riera, natural de Barcelona, que arrisca a vida diariamente, não em luta com o inimigo, mas por causa das suas fugas diárias do local de concentração militar para visitar, em Valência, uma jovem que tinha conhecido enquanto aí estivera destacado: Maruja, natural de Burgos, surpreendida na capital levantina pelo início da guerra civil.

A postura ideológica de Manuel de Seabra, intransigente opositor do salazarismo, não se traduz em qualquer maniqueísmo ideológico e, por isso mesmo, a obra escapou incólume ao aparelho da censura. Nota-se um claro afastamento da poética do neorealismo e uma aproximação ao existencialismo, denunciada, desde logo, pela epígrafe que reproduz uma passagem de *Les Mains sales*, de Jean-Paul Sartre, não obstante a peça sartriana ideologicamente mais próxima de *Terra de Ninguém* ser a emblemática *Huis clos*. Como o inferno de Sartre (2000, p. 93) – «L'enfer c'est les Autres» – o vale valenciano é, em grande medida um espaço fechado onde um punhado de personagens está enclausurado e mantém um relacionamento difícil.

No grupo de personagens que rodeiam o narrador (são 150 os homens colocados no vale), destacam-se Pepet, Josep, Llovet e Juan, o único com experiência militar e já condecorado por atos de bravura na frente de Madrid. Nenhum deles revela uma particular motivação ideológica, para além da identificação matricial de quase todos com a cultura catalã, e cada um terá de confrontar-se com problemas pessoais que os afetarão.

É o caso do narrador, cujo pai falece durante a sua permanência em Valência, ou de Llovet, que recebe uma carta a informá-lo de que a sua irmã perdera uma das pernas num bombardeamento dos «nacionais». Revelando, como já adiantei, um domínio notável das modernas técnicas romanescas, Seabra ponteia a sua narrativa em «tempo real» com evocações do passado do narrador, que nos conduzem à sua vida em Barcelona nos anos anteriores à Guerra Civil, mas também há no relato projeções de um futuro desconhecido da personagem Manolo Riera, mas já conhecido do mesmo Riera investido da qualidade de narrador, que conta a sua história a partir de um tempo de enunciação já distante da temporalidade do enunciado. Como é lógico, o momento da escrita é posterior ao da ação, sendo que, neste caso, também se ficcionaliza o tempo de enunciação, remetendo-o para um período posterior ao fim da Guerra.

A ação principal decorre na fase final da Guerra Civil, quando o desfecho da mesma já está decidido a favor das tropas franquistas, havendo referências ao dismantelamento das Brigadas Internacionais e às deserções em massa de soldados republicanos, que buscam a fronteira francesa. Um dos assuntos

reiterados nas conversas de Manolo com os seus companheiros é o que cada um pensa fazer depois da guerra, como se não houvesse uma luta para travar e a possibilidade de uma repressão sangrenta por parte dos vencedores.

Alheio à proximidade do fim do confronto bélico, a personagem-narrador continua a arriscar diariamente a vida, aproveitando a cadência das idas e das vindas, entre o vale e Valência, da ambulância conduzida pelo seu amigo Pablo, perfeitamente consciente de que, se for detetado, será acusado de desertor e enfrentará o pelotão de fuzilamento. Beneficia também da cumplicidade do seu amigo Juan, que goza de um ascendente sobre o capitão Losada (o comandante direto daquelas tropas) que os outros militares não conseguem compreender.

Só na parte final do romance os homens do vale serão finalmente enviados para a frente de batalha, designada por *Front*, em catalão, pelo narrador. Grande parte desses soldados serão abatidos nesses derradeiros confrontos, enquanto o narrador compreenderá, por fim, qual o laço que liga Juan e Losada. O capitão Losada era, afinal, o irmão mais novo de Juan, que se vê forçado a disparar sobre aquele, ferindo-o numa perna, para impedir que ele desertasse. Mas esse «pormenor» só é compreendido pelo narrador. Na verdade, o ato de Juan é mal interpretado pelo comando militar e é ele que é fuzilado como desertor.

Verdadeira crítica aos «nacionais» só se vislumbra no comportamento hipócrita do tenente que os comanda no último combate descrito. Terminado o confronto, o tenente sorri para os vencidos, dizendo-lhes que ninguém ganhou ou perdeu aquela guerra, que tinha apenas um vencedor: Espanha. Convida-os, seguidamente, a juntarem-se aos seus homens, que têm como objetivo a «libertação» de Valência. Aos outros, que não queiram segui-lo, ordena-lhes que deixem as armas e se dirijam para o norte. Também neste caso só o narrador compreenderá o alcance das palavras do comandante inimigo. No Norte, está o grosso das tropas franquistas, que irão prendê-los, enquanto as tropas do tenente não estão em condições de levar prisioneiros para o assalto a Valência.

O sentido alegórico da expressão que dá título ao romance *Terra de Ninguém* é-nos transmitido no momento em que se narra o encontro do alferes Manolo Riera com um soldado do exército franquista, Ramón,⁹ num lugar situado entre as duas frentes:

⁹ Ramón, circunstancialmente soldado dos «nacionais», era primo de um soldado republicano que pertencia ao contingente que foi rendido pelo grupo a que pertencia o narrador. Foi esse soldado que informou o alferes Riera de que todas as tardes Ramón ultrapassava a linha das trincheiras e fornecia aos republicanos comida e tabaco (cf. Seabra, 1972, p. 122).

Tudo à volta estava tranquilo e, como no vale, eu sentia uma densa paz encher-me, obrigando-me a ficar ali. Já não pensava no Ramón, nem nas trincheiras, nem sequer no lugar onde me encontrava, entre dois exércitos em luta, em plena terra de ninguém. Como hoje. (Seabra, 1972, p. 133)

Como *hoje* remete, evidentemente, para o tempo da escrita, denunciando não se sabe bem se a condição da Espanha na época de Franco, ou se a condição humana em geral, porque o homem está – vaticina o narrador – condenado a viver num mundo adverso (repetindo Sartre: «L'enfer c'est les Autres»).

4. A guerra de cartão

O romance *Os Exércitos de Paluzie* foi publicado em 1982, tanto na sua versão catalã (considerada a original) como na versão portuguesa do Círculo de Leitores. Foi, de resto, retirado do concurso para atribuição do Prémio Literário Círculo de Leitores (que ganhara), por ter deixado de ser obra inédita como exigiam os regulamentos desse concurso.

Conta a história de várias gerações da família Roureda, uma família burguesa de Barcelona com veleidades aristocráticas. No centro da ação estão quatro gerações de Edmonds Roureda, o bisavô, o avô, o pai e, no fim da linha, o próprio narrador, que colecionava soldados de papelão produzidos por uma empresa que efetivamente existiu e que produzia cartões com soldados para recortar.

A história da família cruza-se, inevitavelmente, com a história da cidade, a partir de finais do século XIX, quando Edmond – filho, pai e avô de Edmond –, engenheiro fabril formado em Manchester, abandona, deserdado, a casa e a fábrica da família para casar, contrariando a vontade paterna, com uma jovem criada.

A Guerra Civil aparece no último terço do romance. As primeiras notícias sobre o conflito remetem para o fracasso do «alzamiento» em Barcelona. O narrador, criança ainda no momento da eclosão da guerra – e, portanto, um narrador de duvidosa fiabilidade –, relaciona metaforicamente o falhanço das tropas espanholistas (que enfrentam um meio hostil, dominado pelo sentimento catalanista) com as limitações da sua coleção de soldados de cartolina:

Naquele 19 de julho, [...] os meus efetivos eram muito limitados, como era limitada a minha imaginação. Nem sequer tinha um mapa decente de Barcelona,

de acordo com o qual pudesse desdobrar as colunas dos três López destroçadas pelas forças populares; as forças de Mejías de la Cuesta e de Santos Villalón que não chegaram a passar do Paralelo; os homens de Francisco Lacasa, que acabaram por refugiar-se no convento dos carmelitas da Diagonal; o regimento de artilharia de Legorburu, que não passou de Balmes-Diagonal; a artilharia de montanha que, ironia das ironias, saiu da Avenida de Icária, comandada por Unzúe, e mal se pôde mover. (Seabra, 1982, p. 132)

Edmond-narrador perdeu na guerra três dos seus tios varões (havia ainda três tias), mas já antes disso o bisavô Edmond, industrial têxtil, como vimos, e de relações cortadas com o seu filho Edmond (por não aceitar o casamento deste), fora assassinado com dois tiros de pistola, quando entrava para o seu automóvel, frente ao Gran Hotel Colón, onde participara numa reunião com clientes estrangeiros:

Era a época em que a gente do Sindicato Livre, sob a proteção Martínez Anido e do chefe da polícia, o coronel Arlegui, por um lado, e a gente do CNT por outro, se matavam pelas ruas. Era cabeça por cabeça, a tiro de pistola ou à bomba. O bisavô Edmond foi um de muitos, não há mérito ou demérito nenhum nisso. (Seabra, 1982, p. 91).¹⁰

Enquanto o narrador Edmond, naquela altura com apenas seis anos de idade, brincava às guerras com os seus soldados de cartão, o exército rebelde ia sendo varrido das ruas da capital da Catalunha pela resistência popular. Entretanto ia morrendo gente dos dois lados. No funeral do tio Avelí, morto em combate no Portal de l'Àngel logo no dia 19 de julho, enquanto a tia Montse gritava «Fascistas! Mataram-no!» (Seabra, 1982, p. 138), numa cova ao lado gritava-se em castelhano: «¡Separatistas! Asesinos» (Seabra, 1982, p. 138). Também o tio Aleix, que se incorporara voluntariamente no exército republicano, seria morto na frente de Aragão nos primeiros dias de luta (Seabra, 1982, p. 153). À terceira morte, está umbilicalmente ligado o próprio narrador que,

¹⁰ No esperpento *Luces de Bohemia*, de Valle-Inclán, publicado na revista *España* em 1920, quando o poeta cego e ostracizado Max Estrella é colocado na prisão por ter desrespeitado um capitão da polícia municipal de Madrid, encontra na mesma cela um anarquista catalão ao qual confidencia que deve a Barcelona os únicos prazeres a que ainda pode aspirar: «Todos os dias um patrão morto, algumas vezes, dois. Isso consola» (Valle-Inclán, 2012, p. 102). Tradução do autor do artigo.

inocentemente e a troco da promessa de oferta de novos soldados de cartão, afiançou a um dirigente da FAI (Federação Anarquista Ibérica) que o seu tio Aniol vivia em Madrid e era um espião dos fascistas.

Distanciando-se desses anos, o Edmond narrador confessa que não fazia a mínima ideia do que fazia em Madrid o seu tio, nem de quais eram os seus ideais políticos. Confessa também – não sabemos se hipocritamente – que sente alguma angústia por não saber se as notícias que, pouco depois, chegaram à família sobre a prisão, julgamento e execução de Aniol Roureda, por espionagem a favor dos nacionais, tinham algo que ver com a sua imprudente denúncia. Mas esta não foi a sua única *inocente* malfeitoria no período da Guerra Civil, já que o mesmo dirigente político, que descreve como um «senhor muito simpático», o persuadiu igualmente a incentivar duas professoras conservadoras e católicas, que estavam escondidas na casa dos seus pais, a apresentarem-se no edifício da escola, onde estava agora instalada uma secção da FAI. O jovem Edmond conseguiu mesmo convencê-las, garantindo-lhes que o senhor simpático lhe prometera que nada de mal lhes aconteceria.

Também neste caso o discurso é ambíguo, obrigando o leitor a optar entre aceitar a prevalência do registo da inocência infantil do protagonista ou do discurso cínico do narrador adulto:

Depois de uma longa conversa [com o ramo da família Roureda que as acolhera], as duas professoras decidiram-se. Despediram-se de nós com muitos beijos, padre-nossos e gratidão, dizendo que logo que pudessem abrir a escola nos avisariam. Nunca nos avisaram, não as voltámos a ver e a escola também não reabriu. Foram muito ingratas. (Seabra, 1982, p. 152)

Trata-se, como se vê, de um episódio equivalente ao da rendição dos soldados republicanos na Frente de Valência, que nos confirma que Manuel de Seabra não pretendeu em qualquer destes romances proceder a uma divisão moralista e maniqueísta entre bons e maus naquele conflito sangrento. O homem, como diria Ortega y Gasset, é também as suas circunstâncias.¹¹ Frase que provavelmente Jean-Paul Sarte corrigiria para «o homem é, sobretudo, as suas circunstâncias».

¹¹ «Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo. *Benefac loco illi quo natus es*, leemos en la Biblia. Y en la Escuela Platónica se nos da como empresa de toda cultura, ésta: ‘salvar las apariencias’, los fenómenos. Es decir, buscar el sentido de lo que nos rodea» (Ortega y Gasset, 1914, pp. 43-44).

Referências bibliográficas

- BANDEIRA, Manuel (1986). *Estrela da Vida Inteira (Poesias Reunidas e Poemas Traduzidos)*. 12.^a ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Cuadernos de Cultura e Estudio*, n.º 8, fevereiro de 1998. URL: <http://www.acec-web.org/PDF/CUAD/8.pdf>. (Consultado em 5-9-2017).
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia (2009). Memória, silêncios e ficção em *O Quarto Dia de A Criação do Mundo* e no *Diário I* de Miguel Torga. *Veredas*, Santiago de Compostela, n.º 11, p. 59-76. URL: <http://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/109>. (Consultado em 5-2-2018).
- NAMORADO, Joaquim (ed.) (1987). *A Guerra Civil de Espanha na Poesia Portuguesa (Antologia)*. Coimbra: Centelha.
- ORTEGA Y GASSET, José (1914). *Meditaciones del Quijote*. Madrid: Publicaciones de la Residencia de Estudiantes.
- SARTRE, Jean-Paul (2000). *Huis clos* suívi de *Les Mouches*. Paris: Gallimard [1945].
- SEABRA, Manuel de (1972). *Terra de Ninguém*. 2.^a ed., Lisboa: Futura.
- (1982). *Os Exércitos de Paluzie*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- TORGA, Miguel (1938). *A Criação do Mundo – O Terceiro Dia*. Coimbra: Edição do Autor.
- (1939). *A Criação do Mundo – O Quarto Dia*. Coimbra: Edição do Autor.
- (2016). *A Criação do Mundo*. 5.^a ed. conjunta, Lisboa: D. Quixote.
- VALLE-INCLÁN, Ramón del (2012). *Luces de Bohemia*. 7.^a ed., Barcelona: Espasa.

TÍTULO: *Terra de Ninguém*. A Guerra Civil de Espanha visitada e revisitada por escritores portugueses

RESUMO: Um acontecimento trágico de projeção universal como a Guerra Civil de Espanha dificilmente poderia deixar de impressionar e motivar os escritores de um país vizinho e irmão, como é o caso de Portugal.

Miguel Torga, que cruzou o Norte de Espanha enquanto a guerra decorria um pouco mais a Sul, legou aos seus leitores, em 1939, o vigoroso retrato de uma terra brutalmente pacificada, mas ainda manchada pelo sangue das vítimas inocentes. A sua coragem levá-lo-ia às prisões do regime ditatorial português.

Num registo emocionalmente mais distanciado, também Manuel de Seabra, um escritor português radicado na Catalunha, revisitaria, em obras de 1959 e 1982, o sangrento conflito que dividiu e enludou os espanhóis.

TITLE: The Spanish Civil War visited and revisited by portuguese writers

ABSTRACT: A tragic event of universal impact such as the Spanish Civil War could hardly fail to impress and stimulate the writers of a neighboring and brother country as is the case of Portugal.

Miguel Torga, who trekked through Northern Spain as the war proceeded a little further South, bequeathed to his readers, in 1939, the vigorous portrait of a land brutally pacified but still stained

with the blood of innocent victims. His courage would throw him into prison, arrested by the Portuguese dictatorship police.

In an emotionally, more detached register, Manuel de Seabra, too, a Portuguese writer based in Catalonia, would revisit in novels published in 1959 and 1982, this bloody conflict that divided and left the Spanish people in mourning.